



***Dr. Alex e Vovó Ritinha:* um outro olhar sobre a morte**

Dr. Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço, de Rita Lee

Alana Lehmen Heinen*

Larissa Gerasch**

Ângela Cogo Fronckowiak***

Falar sobre a morte lhe causa certo desconforto? E se você tivesse que abordar esse assunto com uma criança, se sentiria preparado? Embora ela seja uma etapa natural do ciclo da vida, é compreensível que tenhamos dificuldades em aceitá-la, sobretudo, quando estamos diante de crianças, que podem ser tomadas pelo medo em razão da ideia de não terem mais a presença física de alguém querido. No início da pandemia da Covid-19, a rainha do *rock* brasileiro, Rita Lee Jones, sensibilizada com as inúmeras crianças que estavam vivenciando o luto e tantas outras que possivelmente passariam por essa situação, decidiu abordar a temática da morte, de forma metafórica, em seu quinto livro infantil, *Dr. Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

*** Professora Adjunta e pesquisadora da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Vovó Ritinha é a forma como Rita Lee é chamada na história, e àqueles que ainda não conhecem o Dr. Alex, faremos uma apresentação. O ilustre ratinho surgiu nas histórias que Rita Lee costumava contar a seus filhos na infância, as quais despertaram neles a vontade de ter um desses roedores de verdade a que também pudessem chamar de Alex.

O pedido foi atendido e o ratinho foi levado do Instituto Biológico de São Paulo para a casa em que a cantora vivia com sua família. Inspirada pelos momentos de imensa alegria que Alex proporcionava a todos eles, Rita deu início, em 1986, à sua carreira na literatura infantil, com a obra *Dr. Alex*. Nela, apresenta o cientista alemão Joseph Karl Alex, “um cara legal pra chuchu” (Lee: 1986, 1), que havia ganhado o Nobel da Paz e, viajando pelo mundo, acabara de chegar ao Brasil. Ele, que pensava “o português é uma língua interessantemmente mágika!” (Lee: 1986, 4), tinha um projeto para a independência de animais, plantas, crianças, idosos e indígenas. Uma das ideias desse projeto era impedir o uso de seres vivos como cobaias para testes químicos. Contudo, isso incomodava um grupo de homens maus, que gritavam “viva a guerra!”, “vamos destruir a Terra!” (Lee: 1986, 6). Como forma de proteger uns aos outros dos inimigos, os ratinhos do laboratório transformaram Dr. Alex em um ratinho também.

Ao final de *Dr. Alex*, Rita Lee convida os pequenos leitores a acompanharem as futuras aventuras que contará sobre o ratinho *sapiens*, já que ele mora com ela. Uma nova edição de *Dr. Alex* foi publicada em 2019 e, além de apresentar novas ilustrações, a obra teve seu texto atualizado. Tanto nessa obra quanto nas seguintes, *Dr. Alex e o Phantom* (2019), *Dr. Alex na Amazônia* (2019), *Amiga*

Ursa (2019), *Dr. Alex e os Reis de Angra* (2020) e *Dr. Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço* (2021), podemos ver evidenciada a preocupação de Rita Lee com a causa animal.

Nessa última obra, como forma de romper com a atmosfera fechada e tenebrosa que representa a morte, a autora demonstra imensa delicadeza ao tratar desse tema fraturante por meio da magia e da ludicidade. Ela nos conduz à reflexão de que existem formas diferentes de pensar a morte e levanta hipóteses sobre o que acontece com as pessoas quando elas falecem. Para o público infantil, o contato com essa outra perspectiva faz-se relevante, uma vez que abre espaço para “a possibilidade de ir e voltar, do mundo real [...] para o mundo imaginário, com os seus sonhos e seus pesadelos, brincando e gravitando entre dois mundos” (Reyes: 2021, 91).

As crianças, filhas do cosmo (Bachelard: 1988), habitam e adentram esse mundo simbólico, desbravando novos lugares por meio do imaginário e, de modo concomitante, vencendo seus temores e libertando a si próprias, gradualmente, do medo da perda, que as conecta com o que viveram.

Por esse prisma, o início da aventura se dá quando, em uma bela noite, Vovó Ritinha e Dr. Alex, deslumbrados com a paisagem, recebem uma visita inusitada, vinda em um disco voador. Era GREY, “uma figurinha que não se parecia com menina nem com menino, mas tinha o jeito de uma criança” (Lee: 2021, 10). O adorável extraterrestre viera na sua nave *Stela* e, como forma de fazer com que os dois terráqueos pudessem seguir viagem junto dele, transforma Vovó Ritinha em uma pequena fada e dota Dr. Alex de asas e de uma luz no rabinho.

Nesse momento inicial, nossas memórias trazem à tona os versos “da minha janela vejo uma luz/ Brilhando no céu da terra/ é azul, é azul/ Não é avião, não é estrela/ Aquela é a luz de um disco voador/ Disco voador/ Trazendo do céu um segredo”, que integram a letra da canção “Disco voador” (1978), interpretada por Rita Lee e de autoria de seu esposo Roberto de Carvalho. Assim como na letra dessa música, também no livro, quem veio no disco voador tinha algo surpreendente a revelar, e é como se a imagem poética do eu lírico à janela, que criamos a partir da música, estivesse muito próxima à ilustração da página em que Vovó Ritinha aparece contemplando o céu.

Além disso, a forma como *GREY* fala da possibilidade de viajarem juntos ao espaço é tão convidativa, que, provavelmente, desperta em muitos leitores o desejo de ter asas também. Essa ideia vai ao encontro do pensamento de Bachelard (1988, 95), que questiona: “Que outra liberdade psicológica possuímos, afora a liberdade de sonhar? Psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres”.

A nave *Stela* pairou no espaço e os três tripulantes viram bem de pertinho todos os planetas do sistema solar, enquanto *GREY* explicava sobre os seres invisíveis que moravam lá e sua forma não humanoide. A nave pousou. Todos saíram. E uma nuvenzinha que os rodeava, no segundo seguinte, levou-os a um parque de diversões repleto de cores e feito de cristais. A imagem poética dessa cena é esvoaçante – carregada de um significado ímpar – que toca as pessoas que um dia já vivenciaram essa experiência de sonhar nas alturas de um brinquedo de diversão e, ao mesmo tempo, desperta o desejo daqueles que ainda não tiveram essa oportunidade.

Depois dessa adrenalina, nossos amigos seguem para o Reino dos Devas. O ratinho *sapiens*, muito curioso, interroga GREY sobre quem são os Devas, e o amigo galáctico responde que são os espíritos dos animais. Nesse sentido, percebemos outra vez o intento da autora em propor um olhar ressignificado do reino animal pelos seres humanos, tendo em vista que os animais também são uma forma de vida e necessitam de amor. Dessa maneira, a autora chama atenção para a questão do consumo alimentício animal, a fim de que possamos visar uma cultura que integre a vida como um todo, em que não existam hostilidades e a partir da qual possamos restaurar o elo entre todos os seres.

Dr. Alex, em razão da transformação pela qual havia passado, tinha curiosidade em descobrir onde ele ficaria depois que falecesse: ali, no Reino dos Devas ou em outra dimensão, como um humano? GREY responde que essa pergunta só poderia ser respondida pelos “espíritos do Plano da Luz, os mestres engenheiros do Projeto Terra” (Lee: 2021, 10).

Da mesma forma que a experiência humana na superfície terrestre é organizada pela essência cósmica dos “espíritos do Plano da Luz, os mestres engenheiros do Projeto Terra” (Lee: 2021, 10), o reino animal também o é. Cada animal tem sua razão de habitar esse mundo, e reconhecê-los como seres que têm algo a nos ensinar é fundamental.

Chisgando feito cometa, a nave *Stela* e os companheiros de viagem atravessam várias galáxias e conhecem outros seres do Plano da Luz, como o “jovem alto, com longos cabelos [...] vestindo uma túnica...” (Lee: 2021, 23) e a “anja da guarda” (Lee: 2021, 26) de Vovó Ritinha. Depois da conversa com a anja,

Vovó Ritinha, de coração acalentado, diz não ter mais medo de morrer, pois, como a própria anja falou, “é para você lembrar que estou sempre ao seu lado” (Lee: 2021, 28).

Esse diálogo proposto pela autora é como um abraço dado a uma criança, que se certifica de não estar sozinha e verifica que, de algum lugar, seus entes queridos cuidam dela e a protegem. Rita Lee proporciona, através desse livro, uma reflexão não padronizada para a questão humana que a todos afeta e não elimina a possibilidade de existência em um outro plano, uma outra dimensão, maior do que a nossa.

De volta ao quintal de casa, Dr. Alex e Vovó Ritinha se sentem honrados por terem sido escolhidos para essa incrível experiência e, como completa Rita Lee, por aprenderem que “somos todos espíritos infinitos e não estamos sozinhos no Universo” (Lee, 2021, 35).

O mundo simbólico da narrativa é uma espécie de passaporte, aquele que interliga o quintal de Vovó Ritinha com todo o cosmo dessa viagem, tomada como farol para a reflexão do que Rita Lee deixa como recado às crianças. Ela destaca a importância de cuidar do outro, amar e respeitar todas as formas de vida na sua natureza, reconhecendo o próximo como nosso semelhante. Além disso, de maneira leve e acolhedora, desperta a ressignificação da morte, auxiliando na compreensão das transformações do universo.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LEE, Rita. *Dr. Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*. Ilustrações de Guilherme Francini. São Paulo: Globinho, 2021.
- LEE, Rita. *Dr. Alex*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1986.
- LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. *Disco voador*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1978. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/rita-lee/disco-voador.html>. Acesso em: 8 jun. 2022.
- REYES, Yolanda. *A substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem*. Tradução de Susana Ventura. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.

Submetida em 20 de agosto de 2022.

Aceita em 06 de dezembro de 2022.